

“Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”: o cinema e suas possibilidades na formação em Administração

Andrea Poletto Oltramari

Fernanda Tarabal Lopes

Eduardo Wannmacher

“UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA”

O ponto de inflexão para a escrita desse artigo consiste na possibilidade do cinema enquanto modo de reflexão, crítica, denúncia e transformação social. O cinema proporciona criação, construção da arte, da educação. Imbuídos dessas e de outras ideias é que apresentamos a presente discussão e compartilhamos



nossa experiência a partir de um projeto de extensão sobre cinema e Administração e seus desdobramentos no ensino e na pesquisa.

Em nossa trajetória profissional, dividíamos as seguintes inquietações: queremos refletir mais sobre cinema, desejamos utilizar de maneira mais sistemática e aprofundada o cinema em nossas atividades de ensino, extensão e pesquisa, acreditamos que é possível uma outra educação (o que representa uma concepção de educação que se insere em um paradigma crítico-reflexivo, para além do paradigma racional-técnico). Nesse artigo apresentamos as reflexões que nos impulsionam e também algumas das atividades já realizadas nessa trajetória.

O projeto de extensão a que nos referimos denomina-se: "Cinema: Trabalho, Organizações, Sociedade e Subjetividade". Seu objetivo é promover a discussão do cinema na Administração, a partir das categorias citadas, por meio de ações voltadas, além da extensão, também para o ensino e a pesquisa. No atual desenvolvimento do projeto algumas ações já foram desenvolvidas, além da exibição e discussão dos filmes (tais ideias serão apresentadas no capítulo 4 desse trabalho). Uma curadoria de filmes foi realizada, dentre outras ações que serão destacadas. Além disso, o projeto preza pelo cinema brasileiro e, para os próximos

passos, intenta destacar, de maneira especial, a questão da mulher, dando ênfase à discussão de gênero, bem como privilegiando filmes dirigidos e produzidos por mulheres.

Para tanto, esse artigo está subdividido em outras cinco sessões, além dessa introdução. No próximo capítulo, abordaremos sobre o cinema e suas possibilidades de construção na Administração. Em seguida, trataremos sobre os caminhos para uma educação crítica e reflexiva na Administração, os quais acreditamos serem possíveis pela via do cinema. Posteriormente, apresentamos as trajetórias percorridas pelo grupo no projeto até então, além de uma exposição sobre o cinema brasileiro, a mulher no cinema, e a perspectiva descolonialista que assumimos ao focarmos em tais vertentes.

CINEMA E ADMINISTRAÇÃO: POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO

O cinema, enquanto meio de difusão de cultura e reflexão, constitui-se num dos meios de maior e fácil acesso, pela sua abrangência e por vezes baixo custo de projeção. O cinema também se constitui como um importante meio de entretenimento e aprendizagem para as pessoas, sendo considerado um significativo meio de comunicação de massa.

Embora ainda embrionárias, existem discussões cinematográficas no campo da Administração que associam as representações à realidade do mundo do trabalho nas mais diversas categorias: gênero e prostituição (Sousa, 2005); o mundo do trabalho (Estanislau *et al.*, 2012); sofrimento no trabalho e assédio moral (Machado, Ipiranga & Matos, 2013); as pressões vividas pelos trabalhadores e a dificuldade em equilibrar trabalho e lazer (Bizarria *et al.*, 2014); empreendedorismo (Paiva Jr., Almeida & Guerra, 2008) e análise dos discursos nas organizações (Freitas & Leite, 2015); e relações de trabalho e classe social (Scherdien, Bortolini & Oltramari, 2018), entre outras.

Mesmo que outras áreas já produzam em relativa intensidade discussões sobre análises filmicas, cabe ressaltar que na área da Administração essas discussões e pesquisas ainda se encontram embrionárias. Tal fato abre possibilidades para pensar em um diálogo entre o cinema e as temáticas relacionadas à trabalho, organizações e sociedade.

Acredita-se que o cinema tem um grande potencial de reflexão e portanto, de transformação. O uso de cinema na educação já vem sendo utilizado por outros pesquisadores tais como Mendonça e Guimarães (2008), configurando enquanto ferramenta multidisciplinar que aborda o uso de filmes como recurso didático

em aulas de Administração. É na sala de aula, dizem os autores, que o espectador é convidado a refletir e rever seus próprios valores pessoais e experiência de vida.

Cinema também é narrativa e como função dela tem-se resolver simbolicamente o que não se pode resolver na realidade (Turner, 1997). As narrativas podem ser tanto textuais quanto sociais. Do contexto social, por exemplo, pode-se inferir ligações entre um filme e movimentos sociais. Assim, dependendo da época que o filme representa, a conclusão da narrativa pode representar a solução absolutamente simplificada para problemas pessoais ou sociais. Assim, ao projetar um filme e proceder sua análise crítica após a projeção, pode redundar em transformações nos sujeitos implicados no processo, tais como alunos, comunidade, trabalhadores etc.

O cinema enquanto veículo cultural, inegavelmente atinge às massas e por isso pode inclusive projetar e ser repleto de convenções sociais, justamente como tentativa de agradar as massas. No entanto, há também o cinema que tem a intenção de realizar a crítica, como forma de reflexão sobre possibilidades outras de representação da realidade.

O cinema, ao possibilitar a representação de problemas e dilemas humanos em um contexto cultural, social e temporal particular e delimitado, oferece aos espectadores a suspensão temporária de sua vivência cotidiana, para que possam vivenciar, por meio da tela, outras histórias e realidades. Assim, os filmes podem ser considerados tanto como ficções de entretenimento como reflexos da realidade, ou até mesmo como artefatos culturais que moldam e constituem nosso entendimento do social e da vida organizacional (Huczynski & Buchanan, 2004).

Sendo, portanto, um produto cultural de entretenimento, o cinema captura a atenção do público ao, diversas vezes, reproduzir na tela a realidade travestida de ficção, estabelecendo uma identificação com o público e atuando como construtor e reproduzidor de identidades sociais e culturais.

Desde a década de 1970, a utilização de filmes e de outros recursos artísticos como ferramentas didáticas e de análise tem sido tema de diversos estudos (Champoux *et al.*, 1999) Assim, ele é movimento, um fluxo de imagens, sons, sensações e experiências que precisam ser vividas como um todo, não se restringindo a uma fotografia estanque. É por isso que o filme pode ser utilizado com o intuito de se analisar uma sociedade (Vanoye & Golliot-Lété, 2004).

A análise fílmica, por exemplo, se dá por meio de um processo de compreensão, de (re)constituição e interpretação do filme. Ela se dá também na interlocução, entre espectador, analista do filme e por meio do próprio filme, que emana imagens, sons, movimentos e narrativas que descortinam a sociedade, as organizações e seus discursos. Assim, o próximo item trata de refletir acerca das possibilidades de educação reflexiva e crítica a partir do cinema.

CINEMA E ADMINISTRAÇÃO: POSSIBILIDADES DE UMA EDUCAÇÃO REFLEXIVA

As possibilidades de uso do cinema e o cenário que apresentamos, constroem-se no que acreditamos enquanto possibilidade para uma educação reflexiva. Para a formação em Administração, acreditamos que, além da formação técnica para o trabalho, é fundamental a existência de formação rica e diversificada, que propicie ao estudante competências variadas, que vão além da formação para o trabalho, e que visem contribuir no desenvolvimento de um sujeito crítico, reflexivo e promotor de mudanças no cenário social.

Sobre a importância de uma educação crítica e reflexiva, Larroca (2000) apresenta os diferentes paradigmas em educação, que vêm disputando o entendimento do que devam ser os saberes e o saber-fazer na educação; são eles o paradigma racional-técnico e o paradigma crítico-reflexivo. Segundo a autora,

a racionalidade-técnica é uma perspectiva de formação herdada do Positivismo que se consolidou fortemente no Brasil a partir dos anos 70 e supõe a atividade educativa como sendo uma aplicação rigorosa de princípios e leis gerados na investigação científica. Nessa perspectiva, a proposta educativa do futuro profissional é voltada, com exclusividade, para a formação técnica.

No entanto, Larroca (2000) destaca que tal racionalidade tende a esquecer dos fins sociais, morais e políticos da ação profissional, reduzindo-a a mera execução de procedimentos e regras gestados por outros profissionais, tirando-lhe assim a reflexão sobre a própria ação. "A racionalidade técnica é muito mais um componente da formação profissional, jamais o seu todo, e muito menos um modelo unívoco para tal" (Larroca, 2000, p. 20).

Imbuídos dessa reflexão, o que propomos com a discussão sobre cinema, é ir além da racionalidade técnica na formação. O que buscamos, é, sobretudo, uma educação pautada, em um paradigma formativo crítico e reflexivo. Nos apoiamos em Schön (2000), para defender nossa argumentação. Para este autor, "a racionalidade técnica, a epistemologia da prática predominante nas faculdades, ameaça a competência profissional, na forma de aplicação do conhecimento privilegiado a problemas instrumentais da prática" (p. 30). Para Schön, os

profissionais devem possuir um conhecimento implícito, que os possibilite responder a situações que extrapolam o saber sistemático da técnica racional. O autor alerta para a responsabilidade do educador em inculcar nos alunos tais conhecimentos:

A crise de confiança no conhecimento profissional corresponde a uma crise semelhante na educação profissional. Se as profissões especializadas são acusadas de ineficácia e inadequação, suas escolas são acusadas de não conseguir ensinar os rudimentos da prática ética e efetiva (Schon, 2000, p. 31).

Assim, reforçamos a importância da discussão e utilização do cinema na formação em Administração, e nossa defesa de uma educação e formação que, amparada nesse respaldo, extrapole o saber técnico, voltando-se para uma formação em gestão, e humana, crítica, reflexiva e transformadora. Nesse sentido, intentamos com a apresentação desse texto propiciar aos estudiosos e interessados pelo debate cinema e administração; em especial nas temáticas sobre trabalho, organizações e sociedade, apresentar um espaço profícuo para o desenvolvimento de ideias e reflexões; e ainda, o amadurecimento de um campo de trabalho, formação, pesquisa e estudo inovador, rico, e ainda em construção.

Os estudos dos diferentes artefatos culturais têm proporcionado um outro olhar para a área da educação, vista agora como muito menos restrita ao espaço escolar e muito mais aberta a conexões com outros lugares sociais. Trata-se de um lugar que descentra o sujeito e o vê inscrito em práticas sociais enredadas em relações de poder (Fabris, 2005, p. 28).

O cinema é um dispositivo de reflexão em sala de aula a partir do momento em que a produção filmica, as personagens, o enredo e o contexto histórico apresentados nas películas – mesmo as de ficção – convergem para agregar informação e cultura na educação de quem os assiste. O cinema é um importante meio para aumentar o repertório individual e possibilita uma nova visão de mundo acerca dos temas abordados em cada filme. São histórias diferentes que se unem para promover a reflexão e ampliar os conhecimentos adquiridos em sala de aula, em uma abordagem que desperta a atenção dos sujeitos e os convida a se interessar mais pela educação.

A facilidade com a qual o cinema atinge o imaginário social demonstra sua efetiva potencialidade no contexto da aprendizagem. Não queremos com isso afirmar que o cinema representa a realidade ou pode substituir a história, mas que, para o senso comum, a linguagem cinematográfica produz um sentido narrativo de representações que mescla realidade e ficção, sem muito distanciament (Pires & Silva, 2014, p. 610).

CAMINHOS PERCORRIDOS E O CINEMA BRASILEIRO

Nessa sessão apresentaremos nossa experiência a partir do projeto de extensão sobre cinema que desenvolvemos junto ao curso de Administração, e seus desdobramentos no ensino e na pesquisa. Também abordaremos sobre o cinema brasileiro, caminho que optamos como base para a discussão proposta.

No projeto "Cinema: Trabalho, Organizações, Sociedade e Subjetividade" fazem parte estudantes (graduação, mestrado e doutorado), professores da Administração, professores e profissionais do Cinema. Formado o grupo, iniciam-se discussões. Tínhamos em mente que era preciso definir de que cinema falávamos. Assim, nos voltamos para filmes preferencialmente brasileiros, com elenco e direção nacionais. O motivo principal era colocar o cinema nacional em destaque, além de valorizar as produções locais, que são sobremaneira ricas e propiciam assuntos sobre os mais variados temas para debate e reflexão. Realizamos então o trabalho de curadoria dos filmes. Nessa, privilegiou-se as obras que abordassem as temáticas relacionadas ao projeto.

Dentre os filmes escolhidos em nossa curadoria, estão: Trabalhar Cansa (2011); Um Lugar ao Sol (2011); O Som ao Redor (2013); Castanha (2014); Branco Sai Preto Fica (2015); Boi Neon (2016); Banco Imobiliário (2016); Mãe Só Há Uma (2016) e Aquarius

(2016). Também escolhemos em nossa curadoria filmes com ênfase para a mulher: Beijo 234/72 (1990); Terra Estrangeira (1996); O céu de Suely (2006); Linha de Passe (2008); Riscado (2010); Era uma vez eu Verônica (2012); Nós duas descendo a Escada (2015); Mãe só há uma (2016); Aquarius (2016).

O que nos motivou na escolha desses filmes, além do fato de serem produções brasileiras relacionadas com a temática do projeto, foi também a época em que foram lançados. Alguns pertencem à fase de Retomada do cinema brasileiro, que vigorou no Brasil entre 1995 a 2002, e da Pós-Retomada, que dura desde 2002 até os dias de hoje.

Nossa primeira exibição ocorreu com o longa "Boi Neon" (2016) de Gabriel Mascaro. Em seguida, realizamos a exibição dos filmes: "Trabalhar Cansa" (2011), "O Som ao Redor" (2013), "Que horas ela Volta" (2015) e "Boi Neon" (2016), na disciplina de Relações de Trabalho mestrado e doutorado na Escola de Administração da UFRGS, e na graduação na disciplina "Tópicos Especiais em Estudos Organizacionais".

O próximo passo foi focado na criação de um grupo e página no *Facebook*¹ para reunir as pessoas que se interessavam pela temática num local de fácil acesso, onde todas poderiam comentar e participar ativamente. O grupo e a página também são usados para divulgar as sessões e demais eventos relacionados à temática que acontecem na cidade.

Organizamos também uma mesa temática intitulada "Cinema e Estudos Organizacionais", com debate sobre o filme e obra de José Saramago, "O homem duplicado" (2014), no IV Congresso Brasileiro de Estudos Organizacionais (CBE0). Nas exibições citadas, contamos com a colaboração de parceiros que autorizaram ou cederam suas salas para as exibições. Também devemos ressaltar que cada filme possibilitou reflexão e análise contribuindo para o desenvolvimento do senso crítico e do aprendizado de todos.

A análise de filmes brasileiros possibilita a problematização das representações de escola e trabalho docente neles produzidas e por eles colocadas em circulação. Essa produção marcada pelo que chamamos de brasilidade e pelo jeito de fazer cinema brasileiro produz significados diferenciados. Analisar esses significados produzidos é uma forma de explicitar a conexão entre educação e cultura brasileira e mostrar como um artefato cultural produzido em uma cultura narrada como mais

¹ <https://www.facebook.com/cinematrabalhorganizacoesociedade/>
<https://www.facebook.com/groups/1019683931474329/>

disposta à hibridização produzem significados que trazem implicações peculiares para a política cultural. É mostrar como nos constituímos como professores/as e escola no espaço da cultura brasileira pelo olhar de um artefato produzido nesse espaço cultural (Fabris, 2005, p. 91).

O cinema chegou ao Brasil em meados de 1896, e teve seu primeiro grande ciclo de produção nacional entre 1907 e 1911, conhecido como a "*Belle Époque*" do cinema brasileiro. Nessa época, o mercado internacional (*Hollywood*) não havia ainda se organizado como um monopólio, o que só aconteceria depois da Primeira Guerra Mundial (Ballerini, 2012).

Na década de 1950, inspirado pelo Neorrealismo italiano, surgiu o Cinema Novo no Brasil, fase marcada por grande engajamento político e social (Ballerini, 2012). Essa fase entrou em crise após o decreto do Ato Institucional nº 5, que reforçava a censura em produções culturais no país. Nesse contexto, surgiu o Cinema Marginal, famoso pelas chanchadas e pornochanchadas, que durou entre 1968 a 1973.

O cinema então passou por uma fase de depressão durante o governo Collor, na década de 1990, onde o Ministério da Cultura foi dissolvido em uma secretaria e houve uma intensa entrada de produto estrangeiro no Brasil. Foi em 1995 que o



"UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA":
O CINEMA E SUAS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

cinema brasileiro iniciou a fase da Retomada, quando as produções nacionais passaram a contar com novas vias de financiamento, deixando de depender apenas de leis federais. Foi nessa época que grandes empresas norte-americanas demonstraram interesse em participar das produções nacionais (Ballerini, 2012). Essa também foi a fase em que a Globo Filmes surgiu, proporcionando o aumento nas bilheterias das salas de cinema ao redor do país.

Em 2002, iniciou-se no Brasil a fase da Pós-Retomada, representada por um mosaico que une filmes autorais, estudantis, experimentais e produções voltadas para a indústria do entretenimento. A Pós-Retomada segue até os dias de hoje, num momento em que o cinema brasileiro ainda busca mais investimentos. Os filmes que exibimos fazem parte dessa fase, e possuem em comum uma visão sobre o panorama do trabalho na vida dos brasileiros durante esses anos.

CAMINHOS ALMEJADOS: A MULHER E O CINEMA BRASILEIRO

Na continuidade de nosso trabalho, almejamos, ainda com o foco no cinema brasileiro, abordar a questão da mulher, dando ênfase à questão do gênero nas dimensões "trabalho, organizações, sociedade e subjetividade", bem como privilegiando filmes dirigidos e produzidos por mulheres.

Assim, consideramos importante compreender como se deu a representação feminina no cinema brasileiro e como a mulher é vista nas películas hoje. É fundamental também reconhecer os traços da sociedade machista e patriarcal na qual a mulher esteve – e ainda está – inserida, o que contribuiu para a construção de estereótipos e influenciou a imagem feminina em todos os tipos de mídias.

Em um primeiro momento, logo que o cinema chegou ao Brasil, as mulheres eram pouco ou quase nada contempladas. Os papéis das atrizes baseavam-se nas donas de casa que cuidavam dos filhos, da casa e do marido, e elas eram vistas como inferiores.

Em 1930, o cinema brasileiro teve a sua primeira diretora. Além da mulher nas telas, não podemos deixar de lado aquelas que estão nos bastidores das produções cinematográficas: as diretoras, produtoras e editoras, que vem ganhando a cada dia o seu espaço no cenário brasileiro. Durante a década de 1930, os dramas populares e as comédias carnavalescas que consagraram Carmen Miranda estavam em voga. Porém, deve-se mencionar a tipificação da mulher brasileira que a imagem de Carmen construiu em *Hollywood*, sem deixar de abordar o fato de que a sua personagem tinha grande apelo sexual.

"UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA":
O CINEMA E SUAS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

A posição de "mulher-objeto" (em relação ao sujeito masculino) muitas vezes retratada na mídia, com a supervalorização do corpo feminino (fragmentado/desintegrado) e desvalorização da mulher como sujeito, contribui para essa rejeição à velhice e às imperfeições corporais. A realização feminina, tal como apresentada na "cultura da mídia", não viria em função da experiência de vida ou profissional (ou seja, da mulher como sujeito), mas sim em função da manutenção do corpo perfeito, sustentada pela compra de cosméticos, fármacos, pela academia de ginástica e por cirurgias plásticas (ou seja, da mulher como objeto) (Mendonça & Dala Senta, 2012, p. 577).

Durante os anos de 1939 a 1950, o Cinema *Noir* (expressão francesa que significa "filme negro") ficou muito famoso nos Estados Unidos. Esse subgênero trazia para as telas filmes policiais e possibilitou uma maior abertura para se discutir sobre a sexualidade feminina na época.

Depois disso, a partir do *star system*, modelo de produção estadunidense, a mulher passou a se tornar símbolo sexual, onde o voyeurismo e o eroticismo estavam presentes em quase todos os papéis femininos. A mulher estava nas telas para agradar ao homem, tinha que ser bela, sensual e atraente aos olhos da audiência. Como salienta Gubernikoff (2009, p. 67):

A hegemonia masculina, de dominação e poder, marca profundamente a vida e a mentalidade da mulher brasileira. Na história da cinematografia brasileira, podemos observar uma forte influência do sistema patriarcal e de seus valores, já que a participação da mulher na sociedade nunca foi total. Os mesmos conceitos se reproduzem, o da mulher como objeto ou como não participante da sociedade produtiva, já que a cultura oficial sempre esteve nas mãos das classes dominantes.

A imagem da mulher brasileira no cinema passa a se modificar ao longo do período da ditadura militar no Brasil, de 1964 a 1985, quando cineastas mulheres passam a realizar filmes e a representar a si mesmas diante das intensas mudanças culturais e comportamentais deste período (Silva, 2012). O Cinema Novo, que surgiu na década de 1950, entrou em crise após o decreto do Ato Institucional nº 5, dando início ao Cinema Marginal (1968 a 1973). Dentre os gêneros produzidos pelo cinema brasileiro nessa fase, a pornochanchada é um dos mais conhecidos. Esses filmes centravam sua temática na exploração erótica, e foram originados a partir das comédias italianas da década de 60.

A pornochanchada redescobre o grande potencial sexual da mulher brasileira, na década de 70, mas explora de forma agressiva e acintosa a fantasia masculina no binômio desejo/sexo. O que se vê é a vulgarização da imagem feminina, inserida numa ideologia falocrática de dominação e violência. As primeiras atrizes da pornochanchada mal conseguem

"UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA":
O CINEMA E SUAS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

escapar do anonimato, com exceção de Helena Ramos, Vera Fischer e Aldine Muller (Gubernikoff, 2009, p. 75).

A respeito disso, é fundamental salientar o pioneirismo do Brasil nas ideias feministas e na necessidade que as mulheres brasileiras tinham em mudar o panorama do cinema. A Teoria Feminista do Cinema teve início no fim da década de 80, partindo de um posicionamento teórico de um grupo de realizadores/teóricos britânicos e norteamericanos na década de 70, e iniciou toda uma nova linha de pesquisa voltada às questões da representação da mulher no cinema. A teoria busca demonstrar que os estereótipos impostos à mulher, através da mídia, funcionam como uma forma de opressão, pois, ao mesmo tempo em que a transformam em objeto (principalmente quando endereçadas às audiências masculinas), a anulam como sujeito e recalcam seu papel social (Gubernikoff, 2009).

As discussões em torno da emancipação do sexo feminino são aprofundadas com as novas conquistas. As mulheres não aceitam mais viver somente pela sua casa e pela maternidade, elas querem se sentir realizadas profissionalmente também. É importante também destacar a realidade das atrizes no contexto do cinema brasileiro. O ponto de mudança foi a partir do Século XXI, onde o talento das mulheres começou a ser mais valorizado e as atrizes mais notadas pelo seu

trabalho. O ator José Wilker destaca o fim da “atitude machista dos anos 1980” representada pela preferência pelo trabalho com grandes corpos em vez de grandes atrizes: “Tanto que atrizes como Tônia Carreiro, Fernanda Montenegro e Cacilda Becker foram preteridas pelo cinema” (Ballerini, 2012).

Não podemos deixar de mencionar a representação da mulher negra no cinema brasileiro, que foi extremamente estereotipada:

No cinema, e isso também se estende às telenovelas, as personagens negras não são individualizadas e muitas vezes não apresentam profundidade psicológica. Nos arquétipos e caricaturas apresentados por João Carlos Rodrigues (2001), a negra pode ser representada pelos arquétipos da mãe-preta, da mártir, da negra de alma branca, da nega maluca, da mulata boazuda e, finalmente, da musa. A mãe-preta é um arquétipo com raízes na sociedade escravocrata brasileira. A escrava negra amamenta o filho do sinhô branco. [...] A nega maluca trata-se do equivalente feminino do arquétipo crioulo doido. Uma personagem endiabrada, que faz trapalhadas e confusões. A mulata boazuda é o arquétipo que trata da exploração da sexualidade da mulher negra (Lahni *et al.*, 2015).

Essa representação excludente acaba fazendo com que o público negro não se identifique com os personagens que estão na tela, o que gera uma invisibilidade social indiscutível. Porém, o papel da mulher negra no cinema, com o passar dos

anos e com o aumento do discurso feminista, tem ganhado novas abordagens, menos associadas ao estereótipo da mulata brasileira vista como objeto sexual, e abrindo perspectivas para o seu protagonismo na sociedade atual (Lahni *et al.*, 2015).

Nas últimas décadas, já possível identificar diversos papéis de mulheres fortes, bem sucedidas e não submissas ao homem, tanto no cinema brasileiro, quanto no panorama internacional. Claramente, mesmo tendo aumentado essa representação mais real da mulher, ainda há um longo caminho a ser percorrido. Após o cinema enfrentar a fase de depressão durante o governo Collor, na década de 1990, e com o início da fase da Retomada, em 1995, o que estava em voga nos filmes era a discussão de problemas sociais nas relações familiares e de amizade. Depois desse período, inicia-se a Pós-Retomada (2002 até os dias de hoje), fase em que as questões feministas começam a deslanchar cada vez mais, e as mulheres lutam com mais força para serem valorizadas e reconhecidas no cinema.

O cinema contemporâneo, é claro, foi muito mais longe que o cinema *noir* na representação explícita da sexualidade feminina. As causas que levaram a isso são bem conhecidas: os numerosos movimentos dos anos 60 produziram mudanças culturais radicais que afrouxaram os rígidos códigos puritanos. Os movimentos de liberação feminina encorajaram as

mulheres a tomar posse de sua sexualidade, homo ou hetero. A exibição ostensiva da sexualidade feminina tem sido uma ameaça para o patriarcado e tem exigido um nível muito maior de objetividade acerca das causas subjacentes de a mulher ter sido relegada à ausência, ao silêncio e à marginalidade (Kaplan, 1995).

A partir disso, pode-se observar que a mulher foi conquistando cada vez mais espaço no cinema, tanto aqui no Brasil, quanto internacionalmente. Porém, ainda temos um longo caminho a percorrer. Um dos primeiros passos é consumir e incentivar as produções femininas para que, dessa forma, as mulheres ganhem maior visibilidade no contexto cinematográfico. E Agora, nosso projeto visa exibir os filmes com as temáticas voltadas à mulher, buscando alcançar mais público, além de expandir as nossas exibições cada vez mais para fora dos muros das Escolas de Administração. Aguardem cenas dos próximos capítulos.

REFLEXÕES FINAIS

Pensamos o cinema como resistência. Nosso objetivo, enquanto projeto e ensaio, é poder dividir e ampliar essa possibilidade de troca. Também pensamos no incentivo à academia da Administração a dizer “vou ver um filme brasileiro”, pensar o cinema brasileiro e sair das produções dos oligopólios americanos como Warner, Universal e Columbia. Pretendemos realizar um cinema brasileiro com

uma expressão cultural e política e também realizar um debate crítico e reflexivo para além dessas projeções.

Nossas escolhas também se deram por filmes que foram premiados em festivais de cinema, tanto nacionais quanto internacionais. Uma preocupação que tivemos também diz respeito às projeções em espaços públicos e por vezes não ocupados pelo cinema, tais como salas de aula, auditórios da Universidade, saguão das faculdades. Se a exibição de filmes e o público estão diminuindo das salas de cinema, nosso intuito é inverso: povoar de reflexão e crítica esses lugares. Em especial, a crítica ao silenciamento que a nossa sociedade produz em relação às minorias de gênero, raça e classe. Tal visibilidade, acreditamos, promoverá a emancipação social desses que historicamente foram dominados.

Por fim acrescenta-se: denuncia-se as discussões sobre cinema ainda encontrar, comparativamente a outras formas de expressão cultural, dificuldades de patrocínio e de engajamento coletivo, apesar de a classe ser unida. Nosso projeto tem também como objetivo, como se percebe, de associar ensino, pesquisa e extensão a partir das categorias de trabalho, organizações, sociedade e subjetividade no cinema. Urge investir e incentivar o cinema brasileiro como forma de prática política e social, possibilidades simbólicas de resolver a realidade.

No aspecto jornalístico, a divulgação de projetos como esse dentro da Universidade é essencial para proporcionar o engajamento - tanto dos alunos, quanto da comunidade - em assuntos que são abordados pelos filmes e estão presentes no cotidiano da maioria da população. A propagação de eventos, como as sessões de cinema promovidas pelo nosso projeto, é fundamental para aumentar a visibilidade do que está sendo pesquisado dentro das salas de aula, e do que está sendo feito fora dela. Por isso também, manter uma boa relação com assessorias e colaboradores auxilia na credibilidade e no crescimento do projeto.

Levar a cultura por meio do cinema para estudantes (graduação, mestrado, doutorado) e para a comunidade em geral proporciona uma rica discussão interdisciplinar e diversificada, onde cada participante contribui para as reflexões propostas. Pretendemos com o nosso projeto que o conhecimento não fique restrito somente à academia, e que o consumo de produções cinematográficas locais seja difuso. Bem como, que nossos objetivos, ao inserir em nossa curadoria filmes produzidos, dirigidos, editados e atuados por mulheres, ampliem as discussões sobre gênero e proporcione visibilidade às produções femininas que estão sendo feitas no Brasil.

REFERÊNCIAS

Ballerini, F. (2012). *Cinema brasileiro no século 21*. São Paulo: Summus.

Bizarria, F. P. A., Tassigny, M. M., Almeida, R. R. F., & Brasil, M. V. O. (2014). Análise da atividade de consultoria com suporte na observação fílmica: o caso do filme *Missão Demissão*. *Teoria e Prática em Administração*, 4(2), 49-69.

Brasil. (1999). *Resolução CEB N.º 4, de Dezembro de 1999*. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional de Nível Técnico. Brasília: MEC.

Castelo Branco, M. T. (1999). Que profissionais queremos formar? *Psicologia: Ciência e Profissão*, 19(3), 28-35.

Champoux, J. E. (1999). Film as a teaching resource. *Journal of Management Inquiry*, 8(2), 206-219.

Estanislau, C., Castro, D., Vieira, A. M., & Resch, S. (2012). O mundo do trabalho visto no cinema: busca por significados no documentário *peões*. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 6(2), 33-49.



Fabris, E. T. H. (2005). *O cinema brasileiro produzindo sentidos sobre a escola e o trabalho docente*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Freitas, A. D. G. & Leite, N. R. P. (2015). Linguagem filmica: uma metáfora de comunicação para a análise dos discursos nas organizações. *Revista de Administração*, 50(1), 89-104.

Gubernikoff, G. (2009). A imagem: representação da mulher no cinema. *Conexão – Comunicação e Cultura*, 8(15), 65-77.

Hamburger, E. (2007). Violência e pobreza no cinema brasileiro recente: reflexões sobre a idéia de espetáculo. *Novos Estudos CEBRAP*, 78, 113-128.

Huczynski, A. & Buchanan, D. (2004). Theory from fiction: a narrative process perspective on the pedagogical use of feature film. *Journal of Management Education*, 28(6), 707-726.

Lahni, C., Alvarenga, N., Pelegrini, M., & Pereira, M. F. (2015). *A mulher negra no cinema brasileiro: uma análise de Filhas do Vento*. Recuperado em 4 setembro, 2017, de:



"UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA":
O CINEMA E SUAS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

<https://www.geledes.org.br/a-mulher-negra-no-cinema-brasileiro-uma-analise-de-filhas-do-vento/>.

Larroca, P. (2000). O saber psicológico e a docência: reflexões sobre o ensino de Psicologia na educação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 20(2), 60-65.

Lipman, M. (1995). *O pensar na educação*. Petrópolis: Vozes.

Machado, D. Q., Ipiranga, A. S. R., & Matos, F. R. N. (2013). "Quero matar meu chefe: retaliação e ações de assédio moral". *Pretexto*, 14(1), 52-70.

MANUAL de operações básicas. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Recuperado em 20 outubro, 2014, de: <http://www.prograd.ufba.br/Arquivos/manualpet.pdf>.

Mendonça, F. M. & Fonsêca, M. A. (2016). A manifestação do pós-modernismo nas personagens de "Boi Neon". *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, São Paulo, SP, Brasil, XXXIX.

Mendonça, J. R. & Guimarães, F. P. (2008). Do quadro aos "quadros": o uso de filmes como recurso didático no ensino de administração. *Cadernos EBAPE.BR*, 6(n. spe.), 1-21.



Mendonça, M. L. & Dala Senta, C. R. (2012). Envelhecer feminino no cinema brasileiro contemporâneo: outras narrativas, novos olhares. *Palavra Clave*, 15(3), 571-593.

Moreira, T. A. (2015). Representações sobre a mulher no cinema brasileiro contemporâneo. *GeoGraphos*, 6(80), 180-201.

Scherdien, C., Bortolini, A. C., & Oltramari, A. P. (2018). Relações de trabalho e cinema: uma análise do filme "que horas ela volta?". *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 130-197.

Paiva Jr., F. G., Almeida, S. L., & Guerra, J. R. F. (2008). O empreendedor humanizado como uma alternativa ao empresário bem-sucedido: um novo conceito em empreendedorismo, inspirado no filme *Beleza Americana*. *Revista de Administração Mackenzie*, 9(8), 112-134.

Paniza, M. D. R. & Mello Neto, G. A. R. (2015). O diabo veste prada – e é minha chefe: resenha filmica sobre sofrimento no trabalho. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 2(5), 1178-1205.

"UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA":
O CINEMA E SUAS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Penáfria, M. (2009). Análise de filmes: conceitos e metodologia(s). *Anais do Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*, Lisboa, Portugal, VI.

Pires, M. C. & Silva, S. L. P. (2014). O cinema, a educação e a construção de um imaginário social contemporâneo. *Educação & Sociedade*, 35(127), 607-616.

Roza, F. O. (2015). *A vergonha e a juventude: sexualidade e pós-modernidade no cinema contemporâneo*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Silva, R. K. (2015). *O som ao redor do baile: retomada e pós-retomada no cinema produzido em Pernambuco*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil.

Sousa, F. I. (2005). Imagens e representações da prostituta no cinema. *Revista Ciências Administrativas*, 11(n. spe.), 85-90.

Schön, D. A. (2000). *Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.

Tavares, C. J. (2016). *A cidade construída no cinema: Uma análise do filme "O Som Ao Redor" de Kleber Mendonça Filho*. Trabalho de conclusão de curso de graduação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

Turner, G. (1997). *Cinema como prática social*. São Paulo: Summus.

Vanoye, F. & Golliot-Lété, A. (2004). *Ensaio sobre a análise fílmica*. Campinas, Papirus.

Xavier, I. (2006). Corrosão social, pragmatismo e ressentimento: Vozes dissonantes no cinema brasileiro de resultados. *Novos Estudos CEBRAP*, 75, 139-155.

“Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”: o cinema e suas possibilidades na formação em Administração

Resumo

O presente artigo tem como objetivo discutir sobre o cinema e suas possibilidades de formação em Administração. Para tanto, apresentamos alguns trabalhos já realizados nessa vertente na área e expomos sobre as possibilidades do cinema em uma via crítica e reflexiva de educação. Ainda nesse texto, compartilhamos sobre nossa experiência a partir de um projeto de extensão sobre cinema e seus desdobramentos no ensino e na pesquisa. Intentamos, com a apresentação de nossa proposta e das reflexões que aqui tecemos, que seja fomentada a discussão sobre cinema na Administração, bem como nossa expectativa de novos caminhos de processos formativos.

Palavras-chave

Cinema; Administração; Formação.

A camera in the hand and an idea in the head”: the cinema and your possibilities in the learning of Administration

Abstract

This article have the purpose to discuss cinema and your possibilities in the learning of Administration. For that, we have been presented some work done in this area and show the possibilities of cinema in a critical and reflective way of education. Still, in this text, we share our experience from an extension project about cinema and its developments in teaching and research. We intend, with the presentation of our proposal and the reflections that we have here, to foment the discussion about cinema in the Administration, as well as our expectation of new paths of formative processes.

Keywords

Cinema. Administration. Education.

"Una cámara en la mano y una idea en la cabeza": el cine y sus posibilidades en la formación en Administración

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo discutir sobre el cine y sus posibilidades de formación en Administración. Para ello, presentamos algunos trabajos ya realizados en esa vertiente en el área y planteamos sobre las posibilidades del cine en una vía crítica y reflexiva de educación. Aún, compartimos sobre nuestra experiencia a partir de un proyecto de extensión universitaria sobre el cine y sus desdoblamientos en la enseñanza y en la investigación. Intentamos, con la presentación de nuestra propuesta y de las reflexiones que aquí tejemos, que se promueva la discusión sobre cine en la Administración, así como nuestra expectativa de nuevos caminos de procesos formativos.

Palabras clave

Cine. Administración. Formación.

Autoria

Andrea Poletto Oltramari

Doutora em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<http://lattes.cnpq.br/1704115053163728>. <http://orcid.org/0000-0002-5897-2772>.

Email: andrea.oltramari@ufrgs.br.

Fernanda Tarabal Lopes

Doutora em Administração pela Universidade Federal de Minas Gerais.

Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<http://lattes.cnpq.br/4933468482590261>. <https://orcid.org/0000-0003-2920-1255>. E-

mail: fernanda.tarabal@ufrgs.br.

Eduardo Wannmacher

Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo.

Professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

<http://lattes.cnpq.br/5304261334073995>. Orcid não informado. E-

mail: eduardo.wannmacher@pucrs.br.

"UMA CÂMERA NA MÃO E UMA IDEIA NA CABEÇA":
O CINEMA E SUAS POSSIBILIDADES NA FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

Endereço para correspondência

Andrea Poletto Oltramari. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Administração. Rua Washington Luiz, 855, Centro Histórico, Porto Alegre, RS, Brasil. CEP: 90010460. Telefone: (+55 51) 33083826.

Como citar esta contribuição

Oltramari, A. P., Lopes, F. T., & Wannmacher, E. (2018). "Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça": o cinema e suas possibilidades na formação em Administração. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(14), 954-988.

Contribuição submetida em 21 dez. 2018. Aprovada em 25 dez. 2018. Publicada online em 10 fev. 2019. Sistema de avaliação: Convite. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editorxs especiais: Andrea Poletto Oltramari, Fernanda Tarabal Lopes e Eduardo Wannmacher.



REVISTA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE

NÚCLEO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS E SOCIEDADE | FACE / UFMG | BELO HORIZONTE | V. 5 | N. 14 | DEZEMBRO | 2018 | ISSN: 2358-6311